

Os propósitos e os efeitos do discurso neoliberal na mídia, uma entrevista com Thierry Guilbert

Thierry Guilbert (UPJV)

Entrevistadores:

Guilherme Adorno (UFF/Faperj)

Wellton da Silva de Fatima (IFAL/Unicamp)

Neste dossiê, que trata da relação entre língua e sentido a partir de diferentes abordagens teóricas e metodológicas nos estudos da linguagem, a *Palimpsesto* – revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ – entrevista o professor e pesquisador francês Thierry Guilbert, da Université de Picardie Jules Verne (UPJV). Sua experiência na área de análise do discurso e os trabalhos que ele vem desenvolvendo contribuem para o conjunto das reflexões que integram o dossiê. Thierry Guilbert é professor emérito e pesquisador do Centro de Pesquisa em Ação Pública e Política – Epistemologia e Ciências Sociais, onde foi corresponsável pelo eixo “Reflexividade e Normativas”. Com uma trajetória acadêmica dedicada ao estudo dos discursos econômicos, políticos e ideológicos, Guilbert se destaca especialmente pela sua análise do discurso neoliberal.

Seu livro mais notável no Brasil, “As evidências do discurso neoliberal na mídia”, publicado pela Editora da Unicamp em 2020, investiga como os meios de comunicação franceses, entre 1995 e 2010, contribuíram para uma espécie de naturalização das políticas econômicas neoliberais. A obra é reconhecida por sua abordagem teórica robusta e sua documentação abrangente, evidenciando a construção de uma memória coletiva que legitima a exploração do trabalho e a priorização do lucro do capital financeiro.

Além de suas contribuições na França, Guilbert mantém uma relação de pesquisa estreita com o Brasil. Sua obra tem ressonância significativa no contexto brasileiro, onde os mecanismos discursivos do neoliberalismo também são amplamente debatidos. Suas análises são frequentemente utilizadas para entender como a mídia brasileira adota e difunde discursos econômicos similares, reforçando a importância de

uma abordagem constante e bem fundamentada dos processos de naturalização do discurso neoliberal.

Nesta entrevista exclusiva, conduzida por Guilherme Adorno de Oliveira e Wellton da Silva de Fatima, pesquisadores convidados que representam a *Palimpsesto*, Thierry Guilbert discute suas pesquisas e demais atividades, tanto na França quanto no Brasil, e reflete sobre as implicações sociais e políticas de sua investigação.

PALIMPSESTO

1) No decorrer de sua formação, na França, você sempre teve em mente trabalhar as questões pelas quais você é conhecido hoje? A análise de discurso sempre foi um interesse? Você poderia nos contar um pouco sobre seu percurso formativo?

THIERRY GUILBERT

A minha formação universitária foi incomum, pois eu decidi retomar meus estudos de licenciatura (graduação) depois de já estar exercendo a função de professor em educação básica há mais de 15 anos. No mestrado (atual “mestrado 1”), eu descobri as ciências da linguagem, o que foi uma revelação. Quando me matriculei no DEA (Diploma de Estudos Avançados, “mestrado 2”) em 2000, optei por trabalhar uma questão que me chamava atenção desde novembro-dezembro de 1995, quando eu participava de greves e manifestações contra o “plano Juppé”, que atacava as aposentadorias e a previdência social. A questão era a seguinte: como os meios de comunicação “pró-reforma” – ou seja, a maioria dos jornais e revistas franceses, como mais tarde estabeleci no meu doutoramento – que criticavam as reivindicações dos manifestantes dissimulavam a realidade ao mesmo tempo que davam a impressão de dizerem a verdade? E o que me deixava perplexo era saber que o discurso midiático era falso, sem que eu me sentisse capaz de demonstrar. “Às vezes acontece que se pode responder nada, e que não se esteja persuadido”, escreve Voltaire em “O Homem das Quarenta Escudos”. Citei essa frase na abertura do meu primeiro livro de 2007, porque ela corresponde perfeitamente ao que eu sentia. Esse questionamento foi o ponto de partida do meu memorial DEA e o fio condutor das minhas pesquisas futuras. Ao me informar e ao ler muito, descobri a ideologia neoliberal: não se falava sobre isso na época, a palavra e a coisa estavam totalmente ausentes tanto do discurso político-

mediático quanto do discurso universitário. Como aprendi mais tarde, às minhas custas – porque muitas vezes tive que me explicar e justificar o meu trabalho, até mesmo me defender, durante as minhas primeiras comunicações em colóquios –, a ideologia era uma palavra que não se empregava e não deveria mais ser empregada nem mesmo nas ciências humanas e sociais. É preciso dizer que se repetiu constantemente nos meios de comunicação desde o início da década de 1990, depois de Fukuyama, que não havia mais ideologias, que a queda do “Muro de Berlim” tinha posto fim às ideologias. No entanto, eu descobri aos poucos que o neoliberalismo é uma ideologia capaz de se tornar evidente e, portanto, invisível. Aos poucos: ou seja, sem qualquer estratégia, uma leitura demandando algo novo.... Eu estava diante de um campo completamente em aberto, inexplorado pela análise do discurso na França. Aos poucos, então, o tema do discurso neoliberal, como o nomeei, e especialmente o seu funcionamento “evidente” começou a se desenhar. Eu segui essa temática na minha tese de doutorado, depois nas pesquisas que conduzi posteriormente, como se tivesse puxado um fio de lã que sobressai: começa-se desfazendo o tricô pelo pulso, depois a manga e por fim todo o suéter. Esta questão, inicialmente simples, tornou-se uma questão complexa sobre o discurso neoliberal, depois uma questão cada vez mais ampla e profunda sobre o funcionamento da evidência discursiva. Então sim, para responder à pergunta, sempre tive em mente trabalhar nas questões que ainda hoje procuro explorar em profundidade.

PALIMPSESTO

2) No Brasil, você tem sido lido mais amplamente por pesquisadores da área de análise do discurso. No entanto, suas referências são mais amplas na linguística e nos estudos da linguagem. Você poderia comentar um pouco sobre suas principais referências teóricas?

THIERRY GUILBERT

Efetivamente, eu me identifico como analista do discurso e assumo plenamente o fato de que a minha investigação está ancorada neste domínio. Contudo, é verdade que as minhas referências teóricas não provêm exclusivamente deste campo. Eu estimo, além disso, tal como outros analistas do discurso, que a particularidade deste campo – e a sua grande qualidade – é de não ser compartimentado. Na minha opinião, os analistas

do discurso devem ser capazes de procurar em outros domínios, em outras disciplinas, aquilo que necessitam para realizar as suas análises, de acordo com as questões e temas de que tratam. Com a condição, porém, de verificar se as epistemologias são compatíveis e se a sua articulação com a análise do discurso é coerente e produtiva.

Minhas principais referências não são, inicialmente, nem linguistas nem analistas do discurso: trata-se dos filósofos Mikhail Bakhtin e seu aluno Volochinov, e do também filósofo Louis Althusser, além do sociólogo Pierre Bourdieu. Eu os estudei para tentar entender o que é uma ideologia e eles me ensinaram muito. As leituras de Pierre Bourdieu me acompanharam ao longo destes anos. E elas continuam me trazendo muitas contribuições. Outro filósofo me ajudou a compreender o funcionamento do discurso ideológico, Olivier Reboul e a sua obra publicada em 1980: “Linguagem e ideologia”. Foi a partir do seu trabalho notadamente que pude desenvolver o conceito de “dupla dissimulação” dos discursos ideológicos. Por fim, Michel Foucault foi essencial, em particular a leitura do seu curso sobre o neoliberalismo ministrado em 1978, e publicado em 2004.

Gostaria, no entanto, de acrescentar que grandes nomes da linguística e seus trabalhos também me trouxeram muitas contribuições. Eu penso em Émile Benveniste e na profundidade do seu pensamento sobre a subjetividade na linguagem; em Oswald Ducrot e Catherine Kerbrat-Orecchioni pelo seu trabalho sobre o implícito; em Dominique Maingueneau e Frédéric Cossutta pelo seu trabalho sobre discursos constituintes; em Georges Élia-Sarfati, pelo seu trabalho sobre doxa e senso comum. Pela reflexão sobre argumentação e manipulação, é a um não-linguista, Philippe Breton, a quem devo muito. Sobre os mitos, é Roland Barthes, um autor que aprecio particularmente. Desculpe, estou lançando referências à medida que elas me vêm, pode parecer um pouco heteróclito e certamente estou esquecendo algumas... Não seria somente Michel Pêcheux, claro.

Também li um pouco dos autores da Análise Crítica do Discurso: Norman Fairclough, Teun Van Dijk, Ruth Wodak... além das ferramentas que desenvolvem, gosto do seu compromisso com a sociedade, dão um sentido ético à investigação. No tema do engajamento ético-crítico, Edgar Morin também é uma grande fonte de inspiração.

Enfim, há dois anos, consegui finalmente encontrar tempo para abordar o trabalho de Jean-Pierre Faye e, em particular, a sua enorme obra “Linguagens totalitárias: crítica da razão/economia narrativa” publicada em... 1972. Embora antiga, esta obra ainda é relevante hoje porque trata em profundidade de um tema histórico: o da ascensão do nazismo de Hitler através do relato que se fazia daquilo que se passava na época. Sua abordagem dos efeitos da narração sobre a história real se ajusta perfeitamente à análise do discurso. De certa forma, ele vai ainda mais longe do que nós na eficiência da linguagem. O tema da aceitabilidade é um dos temas essenciais do seu pensamento: como os discursos modificam a percepção da realidade, como, ao fazê-lo, permitem fazer aceitar o inaceitável e, portanto, no final das contas, modificar a história. É necessário precisar que ele trabalhou com grande detalhamento e grande rigor histórico o período de ascensão do nazismo, situando os discursos (cartas, conceitos, artigos, obras, fórmulas, etc.) em seu contexto histórico. É fascinante e muito instrutivo, embora a sua metodologia tenha pouca semelhança com a de um linguista, há a vontade de situar os discursos no seu contexto e não se interessar apenas pelo que é dito, mas pelos efeitos do que é dito. Isto é o essencial para uma boa articulação com a análise do discurso.

Posteriormente descobri que Bourdieu também leva em conta a aceitabilidade produzida por certos discursos que ele chama de “discursos de importância”. Esses trabalhos têm necessariamente a ver com a evidência de discursos ideológicos ou, mais precisamente, com a procura do efeito de evidência de discursos ideológicos, como o discurso neoliberal.

PALIMPSESTO

3) O dossiê que estamos organizando na revista Palimpsesto publicará artigos de diversas áreas do conhecimento sobre a relação entre língua e sentido. Este não é um assunto novo, muito pelo contrário, mas ainda é uma problemática muito atual e muito produtiva no nível científico. É mesmo uma questão que nunca se esgota e ressurgue de vez em quando. Você concorda com isso? Você poderia comentar como a relação entre língua e sentido aparece em suas pesquisas mais recentes?

THIERRY GUILBERT

Em abril de 2024, fui convidado pela École Normale Supérieure (ENS) de Lyon para falar sobre o seguinte tema: “Ecologia do sentido, sentido da ecologia”. Mesmo que este assunto não diga respeito apenas à linguagem verbal, sim, a relação entre língua e sentido é uma questão atual, e sim, é também uma questão sem fim que se renova constantemente porque a história continua, porque os desenvolvimentos no mundo levantam novas questões ou mesmo reembaralham as cartas.

Para dar apenas um pequeno exemplo, tenho em casa um dicionário “Clássico Universal” de 1882: para a entrada da palavra “liberal”, ele indica o sentido de “generoso”. Em 1938, durante o Colóquio Lippmann no qual estou trabalhando atualmente, o “novo liberalismo” disse que se opor ao “laissez faire (deixar fazer)”, ao “socialismo” e ao fascismo: apresentava-se como sinônimo de liberdade. Hoje, estas palavras “liberal” e “liberalismo”, bem como a palavra “neoliberal” nascida durante o colóquio, estão associadas para muitos de nós à austeridade orçamentária, ao retrocesso dos direitos sociais, à violência social, econômica e política... e ao crescimento econômico que destrói a biodiversidade e produz gases com efeito de estufa. Vemos como o significado de uma palavra muda ao longo da história, mas também dependendo de onde é usada, por quem é usada e de acordo com o discurso em que está inserida. Como escreveu Michel Pêcheux, o sentido de um discurso nunca se esgota. Com efeito, a partir do momento em que nos interessamos pela interdiscursividade da linguagem, pelas repetições, pelas paráfrases, pelas alusões, pelas ressonâncias semânticas, etc., a investigação não tem fim.

Para retornar rapidamente à minha pesquisa atual, estou dirigindo uma obra coletiva que será lançada em novembro de 2024 “Discurso e austeridade: argumentações, injunções, vulnerabilidade”, a ser lançado pela Presses Universitaires du Septentrion (Lille, França). Nela, nós abordamos o papel e a função dos discursos na implementação e/ou contestação de políticas de austeridade. Na introdução e no posfácio que escrevi, defendo a ideia de que os discursos não só acompanham as políticas, mas, pelo contrário, as precedem com o objetivo de preparar as opiniões públicas. Eles têm o papel e a função de preparar a aceitabilidade dessas políticas de austeridade. A relação entre língua e sentido aqui tem o efeito de modificar as representações de mundo das cidadãs e dos cidadãos, para que considerem as medidas

propostas como de bom senso. No meu posfácio, questiono mais uma vez a importância que a grande mídia desempenha em um processo que poderíamos chamar de “neoliberalização do mundo”.

Além disso, quando falamos de linguagem – que, segundo Saussure, é a capacidade de comunicar – também deveríamos estar interessados na linguagem dos animais. Há cada vez mais trabalhos sobre esse assunto e eles são muito promissores. Porque embaralha as cartas quando a inteligência e a linguagem – há muito consideradas apenas humanas – tomam o lugar dos humanos no mundo animal e vegetal. Recentemente ouvi um programa que cobria um estudo muito sério que mostrava que os elefantes do mesmo grupo nomeiam uns aos outros através de um som de trombeta inaudível para os humanos, mas reconhecível pelos próprios membros do grupo. Cada um seria, portanto, definido por um som único e arbitrário, que é o início da linguagem simbólica... Tudo isso é muito promissor.

PALIMPSESTO

4) Uma noção importante para tratar da relação entre linguagem e sentido na análise do discurso afiliada a Michel Pêcheux e praticada no Brasil é a de “ideologia”. Qual é sua posição atual sobre esse conceito? Quais diferenças você destacaria entre o uso desse conceito nos anos 1960/1970 e hoje?

THIERRY GUILBERT

A noção de ideologia é central em minha pesquisa. Como mencionei anteriormente, comecei lendo Bakhtin/Volochinov e Althusser. Os três autores não têm a mesma abordagem e situam-se em épocas e lugares muito diferentes. No entanto, há pontos comuns entre essas abordagens, além do fato de todos se declararem marxistas. Em ambos os casos, a ideologia é uma construção social, totalmente independente dos indivíduos. O que é muito forte em Bakhtin/Volochinov é a demonstração de que a linguagem é repleta de ideologia e que a consciência individual se constrói na interação, especialmente na interação verbal. Em outras palavras, a ideologia precede a consciência e a consciência é “toda ideologia”, para usar uma de suas expressões. Segundo eles, a consciência individual é apenas um locatário do edifício social. Em Althusser, que tanto inspirou Pêcheux, o que me interessou muito foi a evidência da

ideologia: a posição de sujeito da Ideologia é evidente para o sujeito. No âmago de sua consciência, ele exclama “Claro, é evidente, é isso mesmo!”. Estou citando de memória. A ideologia dominante nunca se apresenta como tal e é invisível para o sujeito. Acho que essas duas abordagens são complementares, mas nunca são aproximadas.

O que mudou hoje é a abordagem epistemológica e até ética da ideologia. Não se pode mais começar um trabalho de pesquisa afirmando que se reivindica o marxismo (ou outra “escola” de pensamento). E isso é algo positivo. Era um problema ético e, sobretudo, epistemológico. Porque é como se os resultados da pesquisa fossem fixados antes mesmo de começar a pesquisa. Esse viés também é encontrado em Pêcheux. No entanto, isso não é motivo para descartar esses trabalhos tão ricos e profundos, pois, mesmo que seu quadro de pensamento fosse ideológico, seus trabalhos eram muito sérios, muito argumentados e não encontramos traços de tomada de posição ideológica em suas longas e ricas demonstrações - exceto, como mencionei, nos primeiros parágrafos de alguns trabalhos. Poderíamos até dizer que, ao menos, eles declaravam claramente seu ponto de partida, suas petições de princípio, algo que outros, que se apresentam como completamente objetivos, quando não são, não fazem. Talvez seu lugar de sujeito da ideologia neoliberal seja uma evidência para eles.

Os mecanismos gerais da ideologia, a meu ver, não mudaram. E menos ainda o que me interessa em minha pesquisa, ou seja, o funcionamento pela evidência das ideologias. Basta ouvir hoje o que dizem os dirigentes e as dirigentes dos países, sejam eles “populistas” - aqueles que utilizam os medos dos povos e a demagogia - ou aqueles chamados “democratas”, todos e todas usam o que chamei de “dupla dissimulação” para se eleger. Claro, não quero dizer que todos os governos são iguais. Quero apenas dizer que, para se eleger, não há outra solução, na democracia, senão produzir discursos e buscar efeitos de sentido, e o efeito de evidência é o mais eficiente, a meu ver.

PALIMPSESTO

5) Recentemente, mais precisamente em 2020, seu livro “L'« évidence » du discours neoliberal” foi traduzido e publicado no Brasil. Nele, você traz análises sobre como a imprensa relatou as contestações em torno de certas reformas político-econômicas francesas entre 1995 e 2010. No entanto, muitas dessas análises permanecem relevantes para refletir sobre as diferentes reformas que continuam ocorrendo na França e em

outros lugares, como no Brasil. No mundo pós-pandêmico, como você analisa as repetições e/ou diferenças no discurso neoliberal?

THIERRY GUILBERT

Eu acabo de antecipar um pouco essa questão. Em 2023, a “reforma das aposentadorias” proposta por Emmanuel Macron utilizou praticamente os mesmos recursos discursivos e argumentativos que analisei para os períodos anteriores: a dramatização, a doxa, a “pedagogia”, o povo irracional e inconstante, a racionalidade dos dirigentes... Na introdução do livro coletivo que será publicado, e já mencionei, retorno às medidas durante a pandemia, mostrando que não houve mudança de paradigma - apesar do que afirmaram os meios de comunicação de massa. Michel Foucault mostrou em suas aulas no Collège de France que esse neoliberalismo não consiste em *deixar agir* o mercado, como ainda se acredita muitas vezes, mas em *colocar o Estado a serviço* dos mercados e das empresas. Colocar os meios do Estado a serviço das empresas e sem contrapartida é exatamente o que Emmanuel Macron fez durante a pandemia com seu “Custe o que custar” - fórmula que é uma retomada do “*Whatever it takes*” de Mario Draghi quando assumiu a presidência do Banco Central Europeu (BCE) após a crise financeira de 2007-2008 e a crise das dívidas soberanas de 2012-2015. Os discursos de Macron à nação, que prepararam a população para essas medidas, utilizaram os recursos discursivos e argumentativos habituais da evidência: dupla dissimulação, dramatização (“Estamos em guerra!”), uso/constituição da doxa, racionalidade dos dirigentes, comparação com o vizinho...

No entanto, algo relativamente novo aconteceu: o “*nudge*”, que eu definiria como a incitação invisível para agir de maneira direcionada. Claro, a manipulação e o “governo dos comportamentos” existem há muito tempo (como mostrou Foucault em seu curso de 1977-1978), mas essa nova forma, surgida nos “novos meios de comunicação” e nos GAFAM (Soshana Zuboff, “*A Era do Capitalismo de Vigilância*”), parece se adaptar muito bem à política neoliberal. Se uma função de “compartilhar” é colocada em um aplicativo, você tende a usá-la, mesmo que a ideia de fazer isso não lhe viesse à mente por essa função não estar ali presente. É aí que está a incitação: ela é invisível porque é evidente, e é evidente porque é apresentada como uma parte natural da página na tela. Se você não é resistente às chamadas redes sociais - o que eu sou -, é

provável que seja “nudged” e, portanto, “compartilhe”. Da mesma forma, se seu discurso político apresenta seu próprio “cenário”, sua página de tela política, de uma maneira que parece evidente - por exemplo, ao nomear “extremos”, as opções políticas concorrentes -, você pode orientar as escolhas, portanto, os comportamentos eleitorais. Você pode “nudging” ou incitar os eleitores e eleitoras a votar de maneira direcionada. Foi exatamente o que aconteceu nas eleições presidenciais e legislativas de 2022 na França: o discurso do Presidente, para sua própria reeleição, apresentou a seguinte página de tela: uma escolha binária, clique em “extremos” ou em “razoável”. Esse presidente neoliberal foi reeleito sem uma verdadeira campanha. Ele tentou o mesmo em junho de 2024, com o resultado que conhecemos. Isso é um verdadeiro problema democrático.

PALIMPSESTO

6) Você refletiu sobre a relação entre as analogias argumentativas e a construção de evidências no discurso jornalístico sobre a crise financeira de 2008. Mais precisamente sobre as analogias, você mostra que esses fatos de linguagem, na forma como são utilizados nos principais meios de comunicação franceses, contribuem para uma espécie de naturalização de pontos de vista que são, na verdade, econômicos e ideológicos. Você poderia comentar um pouco sobre esse assunto, dando-nos alguns exemplos de suas análises?

THIERRY GUILBERT

A analogia é uma categorização do mundo por similaridade, tem a ver com metáfora. A outra categorização do mundo, segundo Jakobson, é a contiguidade, que leva à metonímia. A analogia me interessa porque joga sobre a seleção de traços comuns, é um dos meios que temos à nossa disposição para compreender os fatos que se produzem no mundo que nos rodeia. Os jornalistas utilizam constantemente esse meio para se comunicar com o seu público, utilizando-se dele como meio argumentativo para persuadir o público, isso é o que chamo de analogia argumentativa ou metáfora argumentativa.

Por exemplo, nomear de “tempestade das subprimes¹” a crise financeira de 2008 – que na verdade começou em 2007 – produz um efeito de sentido, como demonstrei em vários artigos. Os jornais franceses – quase todos, mas estudei sobretudo o *Le Monde* e o *Libération* – que usaram repetidamente esta metáfora argumentativa significaram para seus leitores que esta crise tinha de ser colocada e compreendida num “quadro natural” e não num “quadro direcionado”, para usar os “quadros primários” de Goffman. Em outras palavras, diante da questão goffmaniana “o que está acontecendo aqui?”, uma pergunta que todos poderiam fazer a si próprios em setembro de 2008, comparava-se analogicamente a crise financeira em rápida expansão a uma tempestade que varre tudo no seu caminho – encontra-se também a metáfora do contágio e a da inundação. Assim, eles preenchiam a ausência de sentido, que é funcionamento próprio da evidência, com uma resposta simples. No entanto, através desta metáfora, eles também deixaram claro aos seus leitores que não havia “agentes” na origem da crise, que ninguém era responsável por ela e que nada deveria ser recolocado em questão. A metáfora da tempestade permitiu, assim, num mesmo gesto discursivo, dar sentido ao acontecimento e orientar a sua percepção ao mesmo tempo que deu a essas explicações uma forma de evidência. É por isso que era uma metáfora argumentativa. Ela se apresenta como uma metáfora, mas esconde o seu objetivo argumentativo. Esta metáfora não é inofensiva, ela serve a esse propósito. Uma vez estabelecido o quadro natural, jornais e sites como *lafinancepourtous.fr* puderam ir mais longe: eles apresentaram os banqueiros e os financiadores como as primeiras vítimas desta crise. E os “devedores modestos” (faço citação) como os responsáveis pela crise. O que é completamente contrafactual. É preciso ler o livro de Adam Tooze sobre esse assunto.

A metáfora argumentativa é muito poderosa do ponto de vista pragmático-argumentativo. Ela faz parte da caixa de ferramentas de evidências discursivas – que podemos chamar de “naturalização” – que as ideologias usam para prosperar.

PALIMPSESTO

7) Ainda a respeito das analogias, a metáfora parece ser um mecanismo privilegiado para a materialização de determinados funcionamentos discursivos. Para quem deseja

¹ NT: trata-se de um tipo de hipoteca, de financiamento para habitação.

fazer pesquisa em análise do discurso, é fundamental se interessar pelas metáforas? Por quê?

THIERRY GUILBERT

Sim, porque a linguagem cotidiana – creio que este é um traço antropológico comum a todas as línguas e civilizações – é quase inteiramente metafórica: as expressões prontas, a forma de nomear as coisas, de julgar, de opinar, etc. Dizer que “a crise financeira em rápida expansão” já é uma metáfora, se você optar por “colapso do sistema financeiro”, também o é. Tanto que muitas vezes é difícil expressar-se sem nenhuma metáfora.

Mas isso é ainda mais o caso do discurso político-midiático porque, desde que se trate de explicar, convencer ou persuadir o seu público (o que não é a mesma coisa), parece necessário encontrar atalhos porque o tempo é medido tanto nos meios de comunicação quanto na esfera política e a capacidade de atenção do público é igualmente restrita. Mas, estes atalhos devem ser eficientes, ou seja, os atalhos argumentativos, por exemplo, devem ser ao mesmo tempo claros e “evidentes” – no sentido de que não pensaremos em duvidar deles. Se falarmos do “tabuleiro de xadrez político”, por exemplo, é muito mais rápido do que explicar, como faria Bourdieu, o que é o “campo político” – o que também é inicialmente metafórico. E então, como “tabuleiro de xadrez político” é uma expressão “lexicalizada”, como diria Kerbrat-Orecchioni, ou seja, uma expressão que entrou em uso, ela será compreendida imediatamente e haverá ainda menos risco de ser posta em questão. O “nós estamos em guerra!” » de Macron é também uma metáfora argumentativa muito eficaz porque ressoa na memória discursiva do povo francês.

No entanto, dizer que as metáforas são onipresentes na linguagem não significa que elas não tenham nenhum efeito de sentido ou que sejam inofensivas. Com efeito, o locutor faz necessariamente uma escolha consciente ou inconsciente, não importa, entre todas as metáforas possíveis ou existentes à sua disposição. A escolha das metáforas deve, portanto, ser tida em conta e levada a sério por todo analista do discurso porque esta escolha diz muito sobre o locutor e o lugar de onde fala, ou seja, a formação discursiva a que pertence – mesmo sem saber disso.

PALIMPSESTO

8) No vasto campo das ciências da linguagem, seus trabalhos focam principalmente na análise do discurso. Segundo sua experiência, quais são os principais desafios para o futuro dessa disciplina?

THIERRY GUILBERT

A análise do discurso ainda é pouco conhecida do grande público e, especialmente, dos meios de comunicação e de outras disciplinas. Para tratar de questões de discurso, muitas vezes são literatos, cientistas políticos e pesquisadores em ciências da comunicação que são convidados pelos meios de comunicação, e eles não respondem às perguntas como nós o faríamos. Portanto, um dos desafios é tornar a análise do discurso mais conhecida e mostrar que podemos esclarecer de maneira útil as questões públicas.

Da mesma forma, a análise do discurso é pouco conhecida das ciências sociais, das ciências políticas e da filosofia. Três áreas com as quais temos, no entanto, matéria para dialogar.

Outra pista: parece que a análise do discurso, ao contrário da sociolinguística, ainda não conseguiu realizar pesquisas de campo. Algumas pessoas começaram a fazê-lo, mas isso precisa se desenvolver. É também uma questão de credibilidade e de diálogo, tanto com outras disciplinas quanto com os meios de comunicação. Esse desafio, portanto, se relaciona aos dois outros.

E, para mim, o mais importante é que a análise do discurso deve continuar sendo uma análise crítica. O perigo - que vejo na França - é tornar a análise do discurso uma caixa de ferramentas totalmente despolitizada. Muitos jovens pesquisadores e pesquisadoras - talvez por medo de não conseguir um emprego - amenizam o tom de suas pesquisas. Eles/elas levam em conta o contexto imediato, é claro, mas ignoram voluntária ou involuntariamente o contexto ideológico em que os dados coletados foram produzidos. Ao contrário do que eles/elas pensam, isso não é ser mais objetivo. Pois eles/elas confundem neutralidade com objetividade. Nenhuma pesquisa deve ser neutra, pois a neutralidade é um sintoma de falta de reflexão e de ética.

PALIMPSESTO

9) Por fim, em 2022, você ministrou o curso “Discurso: linguagem, história e ideologia”, em parceria com a professora Mônica Zoppi Fontana, no Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Você poderia nos contar um pouco como foi essa experiência? Como você vê a relação de pesquisa entre Brasil e França no campo da análise do discurso?

THIERRY GUILBERT

A escola de inverno organizada pela minha amiga e colega Mônica Zoppi Fontana reuniu entre vinte e trinta participantes. Estiveram presentes tanto doutorandos, quanto doutoras e doutores, além de colegas de outras universidades brasileiras. Eu fiz uma apresentação em francês com um powerpoint que traduzi parcialmente para o português. Eu falava alguns minutos, depois fazia uma pausa e a Mônica perguntava-lhes se estava tudo entendido. Se necessário, ela repetia algumas das minhas explicações em português. Eu retomava por 5 a 10 minutos, depois fazia outra pausa e assim por diante.

Eu adorei dar esse seminário! A experiência foi muito enriquecedora para mim. Gostei do formato, mas foi principalmente da atitude dos participantes brasileiros e das participantes brasileiras que gostei. Foi muito descontraído e sério, eles e elas se mostraram muito interessados e interessadas e fizeram muitas perguntas, fazendo ligações entre a situação política e econômica brasileira de 2022 e as análises que apresentei sobre o discurso neoliberal. Na França, mesmo no mestrado, as perguntas dos alunos são raras e eu lamento por isso. Apesar de eu solicitar muito os meus alunos na França. Além do mais, eles se enrijecem quando abordamos um tema político/ideológico - mesmo no sentido amplo do termo -, como se o professor estivesse saindo do seu papel. No Brasil, ao contrário, entendi que questionar o orador e fazer conexões com a atualidade está na lógica das coisas. E isso é muito bom, porque estabelece um diálogo, permite ao professor perceber o nível de compreensão e obriga-o a ter em conta as necessidades e expectativas do seu público.

Quanto à relação de pesquisa entre Brasil e França, posso dizer que ela existe, mas ainda é muito pouco desenvolvida. Na análise do discurso, os vínculos poderiam ser ainda mais próximos, já que compartilhamos o mesmo campo de pesquisa. É

possível que o principal obstáculo à intensificação desta relação seja sobretudo, e lamentoso, uma forma de assimetria nesta relação. As cotutelas, por exemplo: eu tive experiência como supervisor e gostei muito. Mas, que eu saiba, é sempre um brasileiro ou uma brasileira que vem fazer estágio de doutorado na França. Não conheço nenhum exemplo de onde um francês ou uma francesa tenha vindo fazer um estágio cotutela no Brasil. Eles e elas teriam, no entanto, muito que aprender.

O mesmo vale para bibliografias em artigos de pesquisa: qual autor francês cita pesquisadores e pesquisadoras do Brasil? Conheço apenas muito poucos deles. Muitos analistas do discurso na França nem conhecem Eni Orlandi, enquanto todos os pesquisadores no Brasil conhecem, leem e criticam muitos pesquisadores franceses. Isso mostra o desequilíbrio dessa assimetria. O europeísmo e o “mito fundador” que Eni Orlandi descreve tocam nesse ponto, e é uma pena.

O trabalho que estou dirigindo e que será lançado na França em novembro incluirá três capítulos escritos por pesquisadoras do Brasil: Mônica Zoppi Fontana, Sheila Elias de Oliveira e minha ex-aluna de doutorado, hoje doutora, Sheilla Resende. Já é uma contribuição para este intercâmbio e um meio de dar a conhecer os seus trabalhos na França, mas ainda é muito pouco.

REFERÊNCIAS

GUILBERT, Thierry. *As evidências do discurso neoliberal na mídia*. Tradução Guilherme Adorno, Luciana Nogueira, Luís Fernando Bulhões Figueira, Mônica G. Zoppi Fontana. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2020.

Thierry Guilbert: É professor emérito da Université de Picardie Jules Verne, na França, onde foi professor de linguística e ciências da linguagem nos cursos de licenciatura e mestrado. Vinculado ao CURAPP-ESS (Centre universitaire de recherches sur l'action publique et le politique- Epistémologie et sciences sociales), desenvolveu vasta pesquisa sobre os mecanismos discursivos da mídia francesa em seu funcionamento ideológico. É autor do livro “As evidências do discurso neoliberal na mídia”, cuja tradução foi publicada em 2020 no Brasil, pela editora da Unicamp. <https://orcid.org/0000-0001-6806-4500> | th.guilbert@wanadoo.fr.

Guilherme Adorno: Pós-doutorando pelo programa de Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) com bolsa Faperj. Doutor em Linguística. Vice-líder do grupo de

pesquisa "O discurso nas fronteiras do social" e membro do Contradit (Coletivo de Trabalho Discurso e Transformação). Atuo principalmente nas áreas de Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas, em temáticas em torno das tecnologias de linguagem, inteligência artificial, produção do conhecimento, saber linguístico, autoria em diferentes práticas sociais, materialismo e funcionamento jurídico. <https://orcid.org/0000-0002-5999-4906> | guiadorno1@gmail.com.

Wellton da Silva de Fatima: Doutorando em Linguística, com concentração em Análise de Discurso, pelo IEL da Unicamp, é também professor da área de Letras/Português do Instituto Federal de Alagoas. Entre 2023 e 2024, realizou período de doutorado sanduíche na Université de Picardie Jules Verne, na França, pelo programa Capes/Print. Mestre em Estudos da Linguagem pela UFF, especialista em Mídias na Educação pela UFSJ e graduado em Letras/Português pela UFRRJ. Atualmente é vice-líder do grupo LER/IFAL/CNPq. <https://orcid.org/0000-0002-0526-5396> | wellton.fatima@ifal.edu.br.